A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 54 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A consagração de Augusto Rosa

O Domingo ilustrado promove amanhã, 2.ª feira, no Teatro de S. Luiz, um colossal e deslumbrantissimo espectaculo de Arte Portugueza, com a colaboração de figuras maximas da scena portugueza, em homenagem á memoria do Egregio Artista. Representarão juntamente: Adelina, Lucilia, Amelia Rey Colaço, Ester Leão, Berta de Bivar, Leonor Faria e Maria Pia, além de muitos dos nossos primeiros actores. Será um espectaculo formidavel!

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 54

LISBOA 24 DE JANEIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Rir!

A' hora a que escrevemos, não funcionam os electricos do Rio de Janeiro e da Praça do Brazil, o que causa os maiores transtornos á população de Lisboa. Razão: as brincadeiras dos alunos da Faculdade de Sciencias que impedem o regular transito de veiculos. E' formidavel que a vida duma parte da cidade esteja á mercê de quem quizer transtorna-la.

Fomos alunos da Politechnica, num tempo em que ali houve festas e brincadeiras como jámais se repetiram. A celebre Feira Franca foi alguma coisa de espirituoso e cheio de alegria — mas, jámais tambem, como rapazes, conseguimos tanta sensaboria e tão pouca originalidade nas nossas diversões. E, sobretudo, nunca as fizemos de forma a prejudicar quem trabalhava e não tinha a obrigação de ser novo e alegre...

Não ha nada!

V. Ex.as já repararam que, raro é o dia em que os jornais, aproposito da ordem publica, dos bancos, dos negocios ou das colonias, não trazem em letras grandes esta frase que, longe de ser um alivio, pela insistencia com que aparece mais lembra desgraça: «Não ha nada»!

Nós não queremos ser boateiros mas... não parece mesmo que o cuidado que existe em dizer que não ha nada, nos faz supor que ha alguma coisa?

Lisboa, terra de miseria!

O lindo jardim á beira-mar plantado oferece presentemente um espectaculo degradante sob o aspecto moral e social! Nestas noites de inverno, em que o frio corta como navalha de barba, doe o coração ver pelos humbrais das portas, creanças dormindo sobre jornais, velhos e mulheres doentes pedindo esmola!

Lisboa, oferece ao estrangeiro que nos visita e ao cidadão que nela vive, este espectaculo compungentemente bárbaro: A cada esquina um aleijado pedindo esmola ou uma creança coberta de feridas chorando com fome! E todos os dias se fazem festas para a Assistencia Publica, e todos os «restaurants» e casas de espectaculos dão verbas para a Assistencia, e em todas as datas solemnes se impõe uma estampilha para a Assistencia... e os pobres são aos cardumes, numa aflição de miseria que chega a causar remorsos!

Senhores que mandam nisto: reparem que a população da cidade é branca!

Nova pagina

Iniciamos hoje uma nova pagina no «Domingo Ilustrado» a que chamamos «Curiosidades» e que nos parece vem trazer aos nossos leitores alguma coisa de agradavel. Como o leitor verá, trata-se de um bocadinho de leitura scientifica, mas leve, propria da nossa epoca e da idole do nosso jornal.

«Retalhos quasi de graça»

O nosso querido amigo e ilustre colaborador Augusto Cunha vai publicar um livro sob o titulo *Retalhos quasi de graça*, que será prefaciado por Antonio Ferro.

Dado o real valôr do autor, não será demasiado optimismo esperar para esta sua obra um exito invejavel.

BOA VONTADE

—Uma das suas abelhas mordeu-me!
—Sim?! Diga-me qual foi que dou já cabo dela

Má língua

AO ALMIRANTE INGLEZ

My dear

Sou um misero paisano.
Não trilho o «salso argento» que tu trilhas...
O meu feito naval mais sobre-humano
não passa de um cruzeiro até Cacilhas.

Porisso me contive horas infindas
e venho, nestas regras mal compostas,
trazer-te muito urbanas boas-vindas
na altura em que te apanho pelas costas.

Não procurei sequer fallar comtigo
para tentar saber as impressões
que te deixava este paiz amigo
de tão hospitaleiras tradições...

Bastou-me presentir que no teu animo
quando aspiraste emanações do Aterro,
cheiraste as pestilencias do desanimo
mediste o lixo, ambicionaste o enterro.

E de mim para mim, muito em segrêdo
doe-me que olhando o Tejo calmo e brando,
tu sorrisses ao ver boiar a mêdo
o bojo da fragata D. Fernando.

Teu gosto musical, tenho a certeza,
nutria bem melhor desiderátum
que o de ouvir trovejar A Portugueza
(coisa marcial que cheira ao ultimatum.)

Ouvi dizer que tu largaste um ai
perante alguem que um bom shake-hands *te deu,*
pois a mão que escreveu nótas de um Pae
como beijos de Mãe te enterneceu.

Consta que foram só por teu preceito
teus homens,—pobre de quem é pelintra!
—exercitar-se em temporal desfeito
num automovel que os levou a Cintra.

Tambem disseste a algum camaradinha,
por entre gargalhadas impossiveis,
que tinhas ganas de pescar á linha
os nossos trez ou quatro submersiveis?

Por essas e por outras eu prefiro
que a Italia, a França, a China, ou a Inglaterra,
(além de mais nações que muito admiro)
não mettam o nariz na minha terra.

Vae. Põe-te ao largo, e ao fresco. Atroa os ares,
navéga, singra, orça, avança, apita;
mais vale andar á espuma pelos mares
do que vir comer palha ao Mar da dicta...

Deixem-nos cá viver como vivemos,
me quinhos e infelizes muito embóra,
sem termos de mostrar o que não temos
aos figurões graudos lá de fóra!

Quando aproaste á barra os teus canhões
e olhei o pobre e leal «Vasco da Gama»
senti desabaladas tentações
de o encafuar debaixo de uma cama.

Debalde a inercia segredou:—não luctes...
Tive cá dentro um doloroso baque,
como um homem honrado que anda a butes
e vê um «tubarão» de «Cadillac»...

Tudo isto é pobre, é pifio. Póde ser.
Mas queremos-lhe bem, tal como é.
Não tinhas nada que cá vir metter
o bedelho feliz do teu bonné.

Vae. Não faz falta a prôa... do teu barco.
O povo não te gramma nem a pau,
e refila:—«Ai menino! se me encharco
pódes crer que não é de «Curaçáo»:—

Sahes, achando isto morno, apatetado,
mesmo á beirinha de tombar no esquife.
Mas não te fies muito. Era arriscado.
Que o «Zé», mesmo depois de desdentado,
não se lhe dá de mastigar um bife...

TAÇO

A obra de Roque Gameiro, salvando pela aguarela e pelo desenho os retalhos da Lisboa antiga e pitoresca que o terramoto poupou, mas que a furia destruidora do homem não respeita, encontra no meu espirito uma carinhosa acolhida. Ha nessa obra, alem duma emoção de artista vibrando, a delicada piedade de quem se detem na rua, para ajudar uma velhinha tremula a subir o degrau da valeta ou interrompe o seu caminho, para apanhar o brinquedo que uma criança deixou cair.

O passado, para quem não se limita a viver de afogadilho a hora que corre, é afinal a unica certeza, mesmo na bruma incerta que o envolve. Pode a nossa imaginação anciosa ou a fé ardente dos iluminados projectar-se sobre a muralha altissima, espessa e negra que nos veda a visão do futuro: tudo se ficará em crença, dogma ou fantasia. Sabe-se que vivemos, ignora-se se viveremos.

Por menos curioso da sua genealogia que cada um de nós seja, sente-se, cá dentro e, quasi inconsciente, uma certa consolação pela certeza que possuimos de não sermos de geração espontanea ou de não procedermos dum tortulho gerado na humidade dum canto. Desconheço por completo o figurão que, suponhamos, em meiados do seculo XVI me representava como remoto ascendente, mas tenho a certeza de que ou martelando na Ribeira das Naus ou cortando gibões na Rua Nova ou praticando qualquer coisa util ou inutil nos reinos de Portugal ou em algures por esse mundo, ele sofreu, amou, viveu tão humanamente como eu estou vivendo. Esta certeza envolve para mim uma outra: a de que, atravez das gerações que precederam a minha, eu fui vivendo sempre, dispersa embora a minha materialidade por outros corpos e repartido o meu sangue por outras veias.

* * *

O encanto do passado resume-se para mim na evocação da vida que as velhas coisas me suscitam. Uma casula bordada, na vitrine dum museu, é para os entendidos um documento, para simplorios uma riqueza, para os turistas uma frase de guia do viajante, mas para mim é a evocação duns dêdos pacientes entretecendo em longos dias o ouro e a rêde, dêdos delgados e brancos de noviça que a clausura descorou ou encarquilhados dêdos da bordadora mercenaria, que envelheceu e cançou a vista na criação daquelas frageis obras de arte. A' distancia de seculos, o bordado fala-me dos pensamentos, alegres ou dolorosos, que cada um dos seus pontos confidenciou e dos suspiros, que de leve o roçaram nas tardes tristes de outono e das alegres casquinadas que o surpreenderam nas claras manhãs de primavera. Onde estão elas, as mãos ageis ou lentas que, ponto a ponto, sobre o tecido foram desenhando anjos côr de rosa e Virgens coroadas de estrela? Em que adro ou em que egreja a terra as está encorporando no seu seio fecundo e renovador?

Os edificios, então, mais sugestionadoramente nos falam da vida que a nossa vida continúa. Revivem neles os homens que os ergueram e aqueles que entre as suas parêdes se abrigaram.

Certa casa velhissima das encostas do Castelo, onde hoje se acoita uma familia complicada de hospedes e onde se discute a questão social e as vitorias do Sporting, de quantas vidas foi ela testemunha? Dias joviais de bodas ou batisados, horas tristes de luto e morte, de tudo as suas parêdes viram em seculos de existencia. Deita-la abaixo, para sobre os seus alicerces erguer uma gaiola inexpressiva, forrada de azulejos, não será o mesmo que dar a entender que a vida começa agora e que o mundo foi inaugurado ante-hontem?

O passado!... Mas o passado somos nós mesmos e os nossos actos e as nossas realisações. Esta cronica, quando os leitores a virem, é já para mim um pouco do passado. Tenham, porisso, a bondade de a não destruir pelo processo tão usado entre nós para a aniquilação das letras impressas:— o papel de embrulho.

ECOS

Os policias... as espingardas... e as revoluções...

Ha dias, um nosso redactor esteve atrapalhadissimo para explicar a um estrangeiro porque é que os policias, da meia noite em diante, andam de escopeta a tiracolo.

Falou de revoluções, de bolchevistas, de atentados, e lá consegui convencer o homem de que naquela noite, havia razão para os civicos andarem á caça. Mas nas noites seguintes, o dito estrangeiro continuou a extranhar o facto e, muito admirado, preguntou ao nosso colega, se os lisboetas estavam sempre á espera dos bolchevistas!

E realmente, o homem tinha razão! Já aqui protestámos contra esta triste figura de cidade em que os policias andam de espingarda ao hombro, dando a entender que Lisboa é uma terra de salteadores!

Não podia o sr. comandante da polia remediar este mal? Olhe que era bem facil! Bastava prender todos os individuos com mais de dez (DEZ!) prisões por desordem e manda-los apanhar côcos para a Africa! Já os policias podiam andar só com bengala e, disso estamos seguros, as probabilidades de uma revolução, baixariam noventa por cento...

OS CRIMES REVELADOS PELO «DETECTIVE 523» SÃO AUTENTICOS

A RAZÃO

Porque é que o Alfredo não casou comtigo?
—Porque viu uma conta da minha modista!
—E depois?
—Casou com a modista!

crónica alegre

OS MESSIAS

SEGUNDO leio nas gazêtas estrangeiras, a regeneração do mundo está para breve. Uma teósofa de polpa, Madame Aunie Resant anuncia que o Messias é chegado. Chama-se Krishamurti. Nem toda a gente se pode chamar Saraiva. Os teósofos já estão servidos. Entretanto, o hindúismo aguarda com impaciencia o Bodhisatwa Maitreya, o zoroastrismo espéra o Sashiyani, os Judeus contam com um Messias de nome ainda indeterminado e que é muito capaz de reclamar Rotschild, Levy & Salomão Lmt. Por sua vez os javanêses põe a sua esperança no Santo Lotus Branco, os mahometanos no Iman Manadi e os Peles Vermelhas no Quetzal Coalt, «Grande Instructor que ha de vir alem dos mares».

Isto em materia religiosa. Em materia politica em todos os paises se suspira por um Messias. Alguns já chegaram: «Il duce» Mussolini em Italia, o general Rivéra da visinha Hespanha. Outros estão para chegar e são reclamados em altos gritos. Em França, George Valois recruta os «camisas azues» que hão de servir de hostes ao Salvador. Na Alemanha, o Messias chama-se Kronprinz e na Russia, segundo consta, suspira-se em silencio por um homem que ninguem sabe quem seja.

Esta mania não é nova. Em todos os tempos assim foi, desde que se aboliram os governos absolutos aos gritos de «Viva a liberdade». A liberdade é um fardo caro e pesadissimo de que todos desejam ver-se livres. No fundo, odos nós somos escravos, principalmente os que aproveitam as ocasiões para ser senhores. Todos anciamos por um dictador ideal que nos governe admiravelmente, que meta os outros na ordem e nos traga a nós o café com leite á cama.

Qualquer de nós conhece certas pessoas que, acima de tudo, prezam a sua independencia. Fazem sacrificios terriveis por causa dela, malquistam-se com meio mundo, isolando-se do outro meio. Gritam a desproposito de tudo: —Felizmente não depende de ninguem. «Afinal em torno, diz-se a cada passo: —Fulano? Prejudica-se muito com o seu feitio.» O homem julga-se independente e no fundo, tem um amo exigentissimo: o tal «seu feitio».

Ora, se temos que obedecer, se a nossa natureza no-lo pede, porque havemos de sorrir dos que proclamam alto a sua crença nos Messias? Estes têm ás vezes o bom senso de não vir e então tudo corre sem novidade porque, em materia de Messias como em materia de festas, o melhor é ainda esperar por êles.

MARASMO

O caso Angola e Metropole já deu o que tinha a dar. Recaimos no marasmo absoluto. O «Noticias» para nos entreter conta-nos a historia dum senhor de passa-piôlho que pode muito bem ter sido o Delfim Luiz VII. Pela minha parte, não vejo inconveniente algum nisso.

Entretanto os que têm de escrever cronicas alegres vêm-se em face dos seguintes assuntos palpitantes:

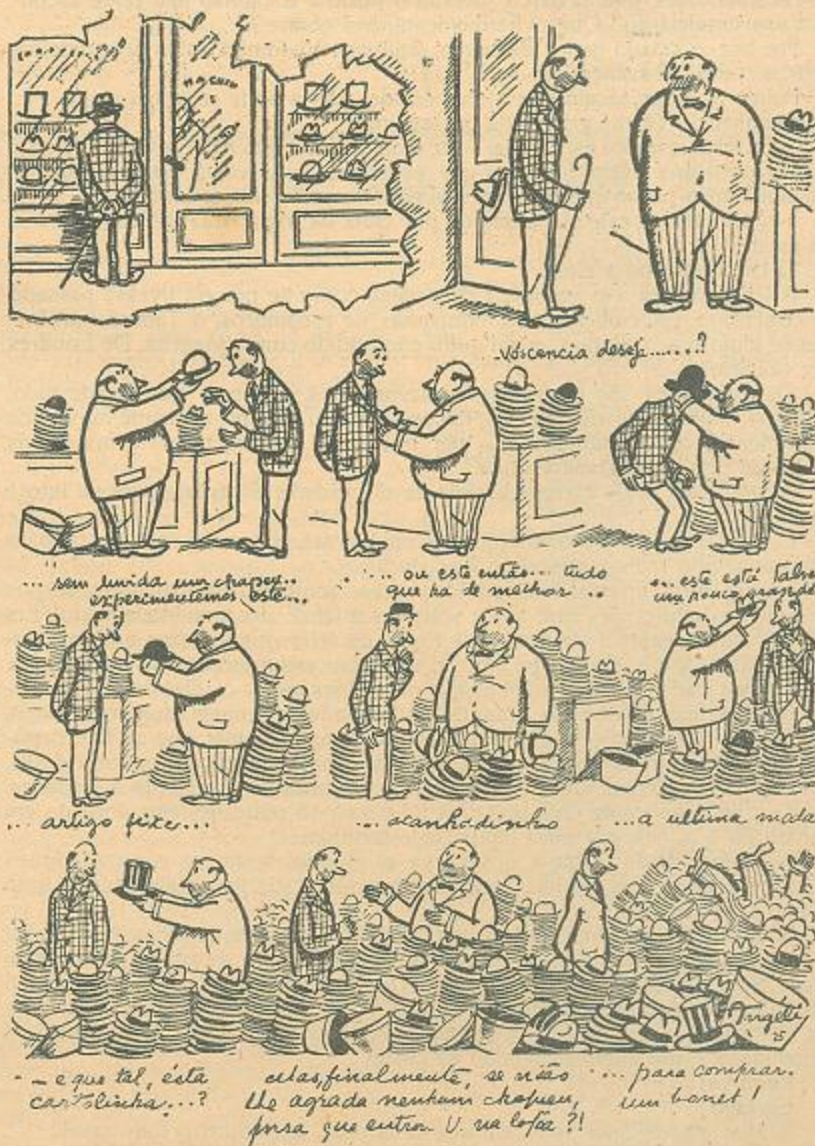
1.º—Raramente se tem registado uma baixa de temperatura tão grande como a dos ultimos dias. Numa das madrugadas passadas chegou a haver um metro de gêlo no largo de S. Domingos. Preciso é dizer-se que era um metro ao comprido, num dos buracos abertos pelas obras.

2.º—Vão realizar-se mais sete banquetes de homenagem.

3.º—Numa aldeia da Sibéria vivem actualmente oito pessoas cujas edades somadas atingem novecentos e trinta anos.

Hão de concordar que como assunto para comentarios humorísticos é relativamente pouco.

PALESTRAS DE CAFÉ

—Já me contentava com metade do que roubaram estes cavalheiros das notas falsas, diz um.

—E eu com a outra metade, acode outro.

Um terceiro acrescenta:

—Que diabo! Vocês, ao menos, sempre podiam dar aos rapazes uma comis-

são de 10 %. Bem a merecem pelo trabalho que tiveram.

—Quem diabo é este senhor que cheira tão mal da bôca?

—E' Fulano, o testamenteiro de Cicrano.

—Pois sim. Entretanto, escusava muito bem de ter comido o cadaver.

Fala-se dum homem de letras. A lingua mais perfeita do rancho comenta:

—E' um rapaz com muita força de vontade para a literatura. Tem conseguido, á custa do seu esforço, conquistar em nome obscuro.

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

O mundo desde que existe tem mudado milhares de vêses de opinião quasi sempre sem grande motivo e leva-se a mal que mudemos a nossa de vez em quando porque nos convem urgentemente.

* * *

Uma das coisas mais desagradaveis é ter comido uma pratada de mexilhão e ler a seguir no jornal que na vespera morreu envenenada uma familia de nove pessoas por ter comido esse mesmo prato.

* * *

O cúmulo da inconsciencia para um actor é ver entrar o chefe da «claque» no seu camarim e perguntar-lhe:—«Então que tal»?.

* * *

A vida de certas pessoas é como a aventura do senhor que dizia:—«Não me alumiem que conheço bem a escada» e, logo a seguir, rebolava pelos degraus abaixo.

ANDRÉ BRUN

Um freguez sem pressa...

CURIOSIDADE

—Que menino tão bonito! Que edade tem?
—Três mezes!
—E, o mais novo?

PRECIPITADO

O «chauffeur», atrapalhado procura apagar o fogo na garage..

O DOMINGO ilustrado

Curiosidades

UMA FACTURA DE HA QUATRO MIL ANOS

A mais antiga factura que se conhece, data de ha quarenta seculos e está exposta na Misericordia de Filadelfia.

Esse extranho documento é feito n'um pedaço de lona e trata simplesmente:... do preço de uns carneiros vendidos a um dos reis de Babilonia no ano de 2350 antes da era de Cristo!

A TORRE EIFFEL OSCILA...

E' sabido que o vertice da Torre Eiffel não é um ponto fixo no espaço. O colossal monumento de ferro, sofre a acção dos ventos e outras forças atmosfericas e é curioso saber que, em Agosto de 1894 correndo o vento a 14 metros por segundo, a torre teve uma oscilacão maxima de 24 centimetros, o que é relativamente pouco para temermos que a grande obra da engenharia francesa cáia com facilidade...

ONDE EXISTE A MAIS ANTIGA FABRICA DE PAPEL

E' no Japão, n'uma povoação denominada Najio, proximo a Osaka. Tem mais de oitocentos anos e, o fabrico do papel é feito apenas manualmente. Faz um numero limitadissimo de trabalho por ano, e assim, com a deficiencia para os fornecimentos, esta antiga fabrica de papel está riquissima, pois o seu producto é disputado a peso de ouro. E no entanto uma lei da casa, antiquissima, não consente que se fabrique maior numero de papel.

O QUE ERA O HARÁ-KIRI

O «Hará-Kiri», antigo costume japonez era uma maneira especial de suicidio que consistia em abrir o ventre com um sabre curto. Este sacrificio fazia-se geralmente em homenagem ao sentimento da honra.

Esta maneira de suicidio dava logar a uma verdadeira cerimonia e era grande deferencia aceitar-se a casa de um amigo para o praticar. O golpe de misericordia era dado por um «padrinho» do suicida que, presenciando o acto cortava de um só golpe a cabeça do paciente.

Com a dissolução da celebre carta dos Samurays, o «Hará-Kiri» foi desaparecendo como suicidio nacional japonez.

BOM CORAÇÃO

— Mamã, compre alguns vasos aquele homem! Com o pezo que traz á cabeça até entorta as pernas!

AS PREDÇÓEIS DE UM FAKIR

A desaparição da Gran-Bretanha

FHAKYA-KHAU é um indú que ultimamente, na capital francesa, tem conseguido grande notoriedade com as suas profecias, até hoje não egualadas.

A profecia tem sido sempre preseguida mas sempre tem alcançado uma fama que a sciencia positiva e os chamados homens dos principios, só perdoam á custa de sorrisos incredulos.

Mesmer o magnetisador que a sciencia hoje reconhece, lançou verdadeiras ondas de pavor na corte de Luís XVI. Cagliostro, mau grado os combates que tem sofrido a sua memoria, paira ainda, na audacia das suas profecias, no arrojo das suas afirmações, entre os espelhos ricos de Versailles.

Entre nós, o Bandarra, gosou de grande fama, e ainda hoje, após quatrocentos anos sobre a sua morte, as profecias do celebre sapateiro de Trancoso, são comentadas como coisa digna de atenção e aturado estudo.

Hoje é Fhakya-Khau quem fala. Oiçamo-lo atravez a entrevista com um jornalista de um dos primeiros jornais francezes:

* * *

«No laboratorio, o fakir, deitou-se sobre uma mesa e d'ahi a minutos cahiu em estado de catalepsia. Com voz fraca como vinda de longe, começou:—15 de Maio de 1926! E' de noite! Que tempestade no mar de Boulogne! Para que a tempestade seja mais horrorosa, o ceu está completamente escuro!

No entanto, o barco que vai partir para Folkestone, deve partir á sua hora, e partirá!

Ha uma hora que o barco deixou o porto e o capitão não póde esconder a sua inquietação! Que extranho fenomeno ocorre?

Por fim, o estado maior do barco, delibera: Visto não sabermos onde estamos o melhor é avançar em linha reta!

Pouco a pouco, acalma-se a tempestade; mas a noite continua negra. Por fim, amanhece.—Terra! gritam os passageiros.

—Eu não conheço esta costa!—diz o timoneiro—Isto não é a Grã-Bretanha!

O porto que veem não é o que esperavam! As caras dos marinheiros testemunham o pavor que lhes vae n'alma. O capitão parece louco:

—Que porto é este?! Passámos por cima da Inglaterra!? A Inglaterra já não existe?!

O barco chegou a Cork.

A terra ingleza em completa desordem, como se por ela tivesse passado um cataclismo. Os edificios são montanhas de escombros, o Tamisa transformou-se n'um braço de mar, n'um golfo confundido com a Mancha. De Londres nem vestigios!

Os habitantes são bruscamente despertados pelo mar que invade tudo, afogando milliões de victimas! A Escocia resistiu mas prontamente foi varrida pelos gigantescos remoinhos do mar que tudo invadiu, n'uma enorme furia produzida pela tempestade sismica!

A atmosfera ainda carregadissima de electridade, é parda, negra de luto e desgraça!

E o mar ainda em oscilações ciclopicas vae pouco a pouco desfazendo tudo. reduzindo tudo a miseria e devastação.

N'uma furia infernal, as grandes aguas acoitam com cadaveres, corpos mutilados as edificações que ainda resistem á febre do grande elemento! Em breve as ondas galgam os pequenos tôpos da terra dos inglezes e tudo é varrido n'uma maldição de morte, entre o ribombar ensurdecedor do vento!

Caem cidades inteiras, sepultando nas ruinas todos os habitantes! A propria terra ingleza abre-se em grandes fendas onde se reunem n'um relampago, campinas e montanhas, e, a grande massa de agua, o mar que a Gran-Bretanha dominou com as suas maquinas de aço; prontamente, numa furia doida, numa gritaria infernal vae continuando a sua obra de destruição e vingança.

O grande poder da Grã-Bretanha foi n'uma só noite, desfeito, tornado em escombros e ruinas, por uma tempestade formidavel!

Das ilhas onde Albion governava o mundo, restavam sómente alguns rochedos á superficie do mar, que continuando a sua furia devastadora, tudo invade, tudo esmaga!

Sobre o Ulster, um ciclone, n'uma cavalgada de morte, espalhou a maldição!

As esquadras ancoradas nos portos, esses gigantes de aço que defendiam a pata feroz da Grã-Bretanha, guelas de fogo abertas constantemente sobre o mundo inteiro, desapareceram em segundos, desfeitas, feitas em nada pela raiva dos elementos, e Londres a opulenta, Londres a caixa forte do dinheiro da humanidade, é um enorme montão de cinzas!

Londres!

Cartago!

A Historia, destino cruel, cumpre-se sempre, terrivelmente inexoravel!

O NUMERO DE CRISTÃOS

No fim do primeiro seculo da nossa era, os cristãos eram ao todo 500.000. No segundo seculo já se contavam 2.000.000 e no quarto dez milhões! No decimo quinto seculo os cristãos de todo o mundo eram cem milhões e no fim do seculo passado passaram de duzentos e setenta milhões!

QUE QUER DIZER A PALAVRA FOLKLORE

A palavra «folklore» deriva do inglez «folk» e «lore» que significa, sciencia do povo. Designa o que constitue a tradição e os costumes populares de cada paiz: Proverbios, anexins, cantores, jogos, cerimonias, etc.

A IMPORTANCIA DAS PENAS DAS AVES

Entre os azteques do Mexico, as penas vermelhas das aráras eram consideradas como sagradas e vistas como prenda do Deus do fogo.

Os incas do Sul uzavam penas brancas como destintivos de alta gerarquia e a tribu negra de B'jaka (longo) atribue ás penas das aves maleficios terriveis.

Entre os civilisacos... as penas dos amores servem principalmente para, em forma de capricho feminino se tornem em penas dos maridos!...

O HOMEM MAIS BARBADO DA TERRA

Chama-se Wilcox e reside em Gawou Nevada (U. S. A.) o homem que possue a maior barba conhecida. Nada menos de dois metros e setenta e tres centimetros...

A MODA

—Bravo! Nova barraca de banhos!
—Não senhor! E' a minha mulher com o seu novo vestido!

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

UMA INICIATIVA NOSSA

A consagração de Augusto Rosa

terá lugar, com o maior brilhantismo, ámanhã, no S. Luiz

A empreza de realisar hoje uma consagração de Augusto Rosa, com o programa que constitue o espectaculo do Teatro S. Luiz, é alguma coisa de extremamente dificil. A reunião de primeiras figuras de quasi todos os nossos teatros, num espectaculo nocturno; os ensaios de cinco actos novos na sua distribuição, realisados em tres teatros diferentes; a montagem scenica nova, desses mesmos actos, com todos os pertences, guarda-roupa, cabeleiras e adereços; todas as inumeras dificuldades que surjem numa grande festa desta natureza, são, bem de facto, uma prova de exame, como faculdades de realisação, como iniciativa, como esforço, como pertinacia, e como coragem.

É, realmente, a *Noite de Augusto Rosa*, uma festa que honra o *Domingo Ilustrado* seu organisador, e a *Revista de Teatro*, sua colaboradora.

Espectaculos como este não se fazem todos os dias, nem os conseguem levar a efeito senão grandesor ganismos jornalisticos, de justo valor, consideração e importancia no meio.

Juntos em torno da memoria dum grande mestre da scena contemporanea foi possivel reunir muitas figuras das mais elevadas do teatro português, por especial simpatia para com a ideia da festa, e por dedicação para com este jornal, seu organisador.

Empresarios, actores, indumentaristas, maquinistas, mestres electricistas, aderecistas,—que sabemos nós!—toda uma multidão se tem movimentado para este espectaculo. E—vejam que poder de arte, de elegancia, de sugestão de belesa não transparece ainda do nome de Augusto Rosa, para que dalem tumulo, a sua lembrança apenas, ainda consiga demover todas as dificuldades, vencer todos os obstaculos, atingir todos os fins!

Poderoso e magico talento esse do Histrião glorioso!

Afonso Lopes Vieira, o grande poeta, que evocará a figura de Augusto Rosa.

Marcelino Mesquita, o maior homem de teatro do seu tempo.

Matos Sequeira, eminente critico de teatro, que falará pela imprensa de Lisboa.

Algumas palavras inéditas de Azevedo Neves

Azevedo Neves, admiravel escriptor, auctor notabilissimo da «Mascara dum actor», escreve estas palavras sobre Augusto Rosa, que transcrevemos do seu livro, ainda inedito:

Augusto Rosa, recebe as maiores honras que a um homem celebre se dispensam. E esse homem foi um «comico», termo durante muitos seculos preferido para designar os que dão vida a esse ramo especial da literatura, a literatura dramatica. Se ele tanto merece é porque soube elevar-se a uma altura onde sómente voam as aguias, é porque foi dentro da sua arte um d'esses faroes, de que fala Baudelaire.

E a arte do actor morre com ele. Mas se dos auctores perduram as obras para encanto do espirito humano, quem se recorda do artista, que as encarnou e fez palpitar, impregnando-as com o fremito da paixão, ou com os esgares do ridiculo, contorcendo as personagens nas dolorosas convulsões da tragedia, ou copiando-as com o irrisorio e os fracos da vida de todos os dias, subindo ao apogeu do drama ou desencadeando o riso da farça? Se de Plauto admiramos o genio, maior que o de Terencio, o desenho magistral da sociedade romana, a graça esfusiante, embora ás vezes grosseira, os quadros famosos e que muito inspiraram outros grandes escriptores de teatro, Molière entre os maiores, quem sabe o que valeu Plauto, como actor comico, se até ha quem conteste que tivesse sido interprete de suas obras? E Molière? Que nos resta do actor? E o nosso «Pontifex Maximus», Gil Vicente, o que deixou como interprete, como actor?

Arte ingrata, sôpro divino, somente palpita emquanto bate o grande coração do artista. Mas Augusto Rosa legou-nos alguma cousa material, os seus livros «Recordações da scena e de fora da scena» e Memorias e Estudos», onde descreve com leveza e graça, a historia sumaria de quarenta e cinco anos de vida do palco. Por ali passam, ali vivem e se rememoram, as figuras de João Anastacio Rosa, João Rosa, Brazão, Emilia das Neves, Lucinda, Virginia, Adelina e outros grandes vultos, que muitissimo ilustraram a scena portuguesa. Esses livros estão escritos n'uma linguagem correcta e elegante, na linguagem cuidada, mas singela, de quem sabe «contar», de quem foi um cavaqueador eximio e gracioso.

Augusto Rosa, a par de actor insigne, foi um homem ilustrado e culto, um artista completo, a quem não faltava qualquer dos elementos necessarios para um equilibrio perfeito, qualidades herdadas de seu pae. Esse equilibrio, tanto ele como João Rosa, seu irmão, constantemente o revelaram em «scena e fóra de scena». Nenhum dos predicados, que deve possuir um grande actor, lhe faltava: naturalidade, dicção, inteligencia e intuição, palavras simples, mas cheias de exigencias.

Insisto no que pretendo significar com a palavra «equilibrio». Seja-me permitido um confronto para melhor firmar este modo de vêr. Comparem-se dois artistas, Angela Pinto e Augusto Rosa, embora de diversos nivel e renome. Não vou procurar Lucinda, a grande artista e assombrosa mestra, nem Virginia, como ele, incomparavel. Angela tinha interpretações extraordinarias, possuia uma plasticidade pasmosa, mas se hoje roçava pelo genio, ámanhã no mesmo ou em outro papel, era diferente. Em Augusto Rosa, notava-se o equilibrio exacto, o progredir consciente, para a perfeição. Angela era a rajada impetuosa, o clarão do relampago, e Augusto Rosa a onda a crescer, sempre a crescer, forte e magestosa. Modalidades typicas e opostas de dois artistas. O desiquilibrio e o equilibrio.

Ao tempo em que Augusto Rosa se estreou, a critica era severa e crua, as palavras ainda não tinham perdido o sentido, e passavam sempre pela peneira das justas proporções. Os criticos, se o receberam com elogio, não o elevaram logo á grandeza dum astro; se lhe reconheceram inteligencia, tambem lhe disseram que começava e que tinha ainda muito a fazer. E tornou-se gran de na scena, e grande porque, pos suindo natural intuição, indispensave n'um artista, e ele nasceu artista, tinha uma enorme dedicação pelo estudo. E' preciso proclamar bem alto este principio aos actores novos:—o artista nasce mas a arte faz-se. São os dedos geniaes do artista que modelam e dão vida á obra d'arte, sem duvida, mas para que ela resulte perfeita, equilibrada, repito este termo propositadamente, adaptada ao meio ou rasgando o futuro, fórmas novas, combinações inesperadas, caminhos por explorar, exige muito estudo, muito trabalho. A ideia pode brotar dum jacto, mas sómente adquire finalidade pelo trabalho. A ideia nasce após longa preparação subconsciente e consciente; a sua realização em obra material resulta de aturado trabalho, que os espiritos melhor dotados executam, ás vezes sem que disso nos apercebamos. Fóra disto poderá em um ou outro brilhar a faisca do genio, mas nem se distingue pela consistencia nem perdura pela continuidade.

Uma das particularidades que me levaram a admirar a notavel mentalidade de Augusto Rosa, foi a justa proporção dos elementos que constituiam o seu modo de ser. Completou as qualidades que trouxera do berço, pelo estudo persistente, de forma a que em todos os componentes do seu caracter reinasse uma rigorosa harmonia.

Ano II—Numero 54
O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O VENDEDOR DE VENENOS

Sensacional e autentico relato de um crime que vive impune, sob a indiferença das autoridades.

EU já sabia que muitas das mulheres que vegetam na chamada «vida de club», se entregavam imbecilmente, n'uma idiotice alvar, ao nefasto vicio da cocaina. Apontaram-me algumas, nas mezas do «Monumental» do «Mayer» e do «Bristol» e, de certa vez «vi» uma d'essas muitas mulheres refratarias á vida trabalhosa, levar ás narinas o venenoso pó, côr de neve, quasi imperceptivel ao contacto dos dedos, e que, posto ao serviço de um temperamento amoral, vai pouco a pouco, minando a morte mais atroz, dando em troca um prazer que ninguem explica mas que, em sintese, se pode egualar ao do tabaco.

A G... era impenetravel

Disseram-me os nomes de algumas que cheiravam a droga, mostraram-me tambem alguns homens que tinham esse vicio, sempre rapazes novos, de vinte e vinte cinco anos, caras de idiota, testa extranhamente apertada, face-espelho de uma imbecilidade absoluta.

Como e porque se lançavam estas creaturas ás garras abominaveis da cocaina?

Por estupidez! Constatei que, numa grande maioria, quasi absoluta, as mulheres deitavam-se a esse vicio ... para que se diga que elas o teem! Dos homens, aponto grande numero que usa o veneno pela mesma razão, outra falange toma cocaina sem saber o que faz, unica e simplesmente para aparentarem um temperamento extranho . . .

* * *

Mas quem introduziu a fatal droga? De onde vinha? Quem a vendia? E como?

De balde procurei informes. Os tomadores de cocaina, constituem uma especie de maçonaria impenetravel a profanos!

* * *

Um dia, reparei que uma mulher loira, alta, galante, muito conhecida nos Clubs de Lisboa e que já foi presa por tomar o maldito alcaloide, se dirigia para uma dependencia do «Club dos Patos». Atraido não sei porque pressentimento, segui-a e, como a visse entrar para o «toilette,» fiquei esperando que ela saisse.

D'ahi a minutos a G... sahiu e notei que os seus olhos tinham um fulgor mais brilhante e que no seu rosto transparecia uma alegria falsa.

Pretextei um engano e entrei no «toilette». Enquanto convencia a encarregada de que me tinha enganado, apanhei do chão um papel dobrado.

Na sala, á luz violenta das lampadas, entre o alheamento dos pares que ondulavam um tango tristonho, reparei que o papel tinha escrito a letras negras o seguinte: $C^{17} H^{19} AZO^{3}$. Os meus conhecimentos de chimica depressa me disseram que aquela formula era ... cocaina.

nunca consegui arrancar-lhe dos labios...

Não perdi de vista a G... e deliberei saber por ela, quem espalhava criminosamente, o maldito pó branco.

* * *

Falei varias vezes com a G... E embora me fizesse tambem preso do horrivel vicio, nada poude saber dos seus labios.

* * *

Numa noite, no «Bristol», reparei que a G... estava extremamente nervosa. Dirigiu-se a dois ou trez amigos que entraram e que, reparei, lhe faziam sinaes negativos. O seu nervosismo ia crescendo gradualmente. Até que, tomando uma resolução rapida, levantou-se bruscamente e sahiu. Eu já não tinha duvida alguma da causa do seu estado nervoso. A G... não tinha conseguido arranjar cocaina n'aquela noite. Ia evidentemente procural-a e... talvez que eu conseguisse saber quem...

* * *

Passava um «taxi». Apontei o carro que a G... tinha tomado e disse ao «chauffeur»:

—Nao perca aquele carro!

O automovel em que a G... seguia, tomou á rua da Palma, Intendente, e Almirante Reis. Depois virou á rua Andrade e vi-o parar á porta d'um predio alto da Rua Damasceno Monteiro. Disse ao «chauffeur» do «taxi» que parasse a distancia e, cosido com a parede, cheguei até junto da porta.

e como parou na rua Damasceno Monteiro...

No fundo escuro do portal, lobriguei um homem que me olhou desconfiado.

—Venho com a G...—disse-lhe.

—Está bem! Suba?

—Ha novidade?

—Não, mas como o não conhecia ia já para...—e o homem mostrou-me o botão de uma campainha electrica, habilmente disfarçada na tintura do corrimão da escada. Sentia os passos da G... subindo já o outro andar. Galguei os degraus a trez e trez e em breve a alcancei.

A escada, escurissima, não deixava que os meus olhos a vissem mas senti o seu corpo a poucos passos. Ouvi uma campainha e um postigo abriu-se, deitando para a negrura um jacto de luz

—Sou eu! A G...

—E mais eu!—disse—Dois pobres a uma porta...—ajuntei em tom de franca camaradagem...

Uma velhota deu-nos entrada. Era uma saleta banalissima iluminada a petroleo e cheirando a bafio.

A G... sentou-se n'um gasto sofá de palhinha e eu tomando uma cadeira, disse-lhe:

—Se não viesse cá hoje buscar a «coisa», morria!

—E eu! Fazem-me falta os quarenta mil reis, mas não posso mais!

Um homem, forte, espaduado, enorme, de face bronzea, e gestos canhestros apareceu.

—Queres duas?—perguntou á G... levando as mãos aos bolços.

—Quero! Mas se me pudesses vender só uma grama! Fazem-me tanta falta os vinte mil reis!

—Venho com a G...

—Não pode ser! Bem sabes que só vendo duas gramas!

—Pois sim!—e a G... estendeu-lhe duas notas de vinte escudos... O homem, tirou do bolso dois envolucros de papel e deu-lh'os...

—Diga-me—disse eu—Não se pode arranjar tambem umas injecções?...

—Só se for morfina! Mas agora não posso vender a menos de quinze mil reis cada ampôla!...

—Que cáro!!

—Podéra! Vocês julgam que isto se arranja assim! Olhem, a cocaina sahiu-me carissima! Tive que dar tres contos ao homem que a trouxe de Tanger!

—Bem! Então para a outra vez levamos a morfina...

E como a G... se puzesse em pé para sahir eu imitei-a afim de dar a impressão de que a acompanhava.

Creio que a G... não chegou a perceber o que eu tinha ido fazer áquela casa, mas o que eu pretendia, tinha-o conseguido:

Saber quem vendia cocaina em Lisboa e mais, o preço porque era vendida e de onde vinha...

Á POLICIA
AO PUBLICO

Se o auctor desta novela for victima de qualquer agressão, ficam desde já a policia e o publico prevenidos de que se trata da pessôa visada nesta pagina. Como entre mortos e vivos alguem ha de escapar—cá ficará quem lhe peça contas...

NO PROXIMO NUMERO

O RAPTO DA MARIA EMILIA

Sensacional revelação e, egualmente autentica.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A mulher misteriosa do Angola e Metropole

Leitor, esta pagina é á margem da vida, mas não é falsa! Alguma coisa ha de verdade no que aqui te contamos—e tu sabê-lo-has ao certo mais cedo do que supões. Lê, e contenta-te com o que a gente te pode dizer por agora!

No espolio secreto do Banco Angola e Metropole foram encontradas cartas de mulher. Veio a noticia em todos os jornais—e a noticia é verdadeira. Que diziam essas cártas? de quem eram? que interesse tinham? estavam elas presas ao escandalo das notas falsas? eram simples aventuras de amor sem consequencias? confidencias serenas ou apaixonada, sobre as quais era deselegante tocar?

Não! As cartas de mulher—duas pelo menos—que apareceram no espolio particular do Banco misterioso, denunciavam a intervenção duma mulher, e duma mulher habil, nos mais fundos negocios erguidos com o «capital surdo». Quem era essa mulher? *«Madame de Chez-Palace»*.

Supoz-se a principio, que a misteriosa hospeda do Avenida-Palace, a encantadora «mignone» de Santos Bandeira, fosse a dama de «Chez-Palace» essa dama citada para «rendez-vous» em Angola, como quem marca um encontro na Garrett.

Mas logo se viu que a «coquette» e frivola «Bibi» era ingenua de mais para transportar na «fourrure» famosa das suas «taupes» alguns milhares de contos de diamantes...

Não, a dama de «Chez-Palace», como na giria do negocio ela figura, é algum valor mais alto, alguem que valendo-se talvez duma posição eminente ou de relações superiores, entretivera o ambiente em torno das personalidades complicadas de Alves Reis e de Bandeira, de Hennies e de Marang. Que mulher é essa que escreve de Paris, de Bruxelas, de Amsterdam, que telegrafa em cifra, e comanda do Grande Hotel do Porto, famosas acquisições de joias?

* * *

Durante algum tempo o juiz Magalhães hesitara em falar nessas cartas.

A' entrada do magistrado, Alves Reis que estava em pijama, nem sequer se levantou...

E' sempre ingrato culpar uma mulher—e desagradavel esclarecer a situação duma mulher casada, com o homem com quem justamente essa situação se não pode esclarecer.

Mas naquela manhã, Pinto de Magalhães e um secretario entraram no frio calaboiço da esquadra da Lapa. E logo á entrada o juiz balbuciou o nome dessa creatura.

Alves Reis, sempre tão amavel, ficou sentado no Banco, de pijama, e olhou surprehendido o magistrado.

—A que proposito vem esse nome?

—Nada. Encontrei no Banco um bilhete de visita...

—Ah!—E nessa manhã Alves Reis não disse palavra...

* * *

Mas, com que fim essa mulher que tudo indicava não precisar ser uma escura agente de negocios, se infiltrara voluntariamente na rede complicada que o dinheiro falso lançara, subvertendo nomes respeitaveis e reputações feitas? Que filtro especial ela beberia para se sacrificar aos riscos dessa aventura tremenda, sem um recibo, uma letra descontada em seu favor, um lançamento de credito dum escudo que fosse?

Que volupia extranha a fazia viajar como uma sombra, enviando relatorios minuciosos do movimento das plantações, da cotação da bolsa colonial, das geodesías complidas dos terrenos? E, essa mulher que escrevia em francês—era iniludivelmente uma portuguesa!

* * *

Foi assim a confissão: Essa mulher teve em Londres a cumplicidade completa. Quando foi preciso esse suicidio dum carteiro em White-Chapel Square (ver o «Times» de 25 de Fevereiro) essa creatura entrou definitivamente no segredo absoluto. Depois propôs: 30 mil contos pela colocação de 150 mil, em pedras, ouro, péles, libras e dollars.

E a verdade é que a sua energia foi exemplar, a sua actividade pasmosa.

* * *

Sob o sorriso macerado e palido de morfinó-maniaca e de insuportavel viciosa, os olhos crispávam-se, a boca tomava, no ranger imperceptivel dos dentes, uma energia viril.

Mas, era apenas a ancia desmedida do dinheiro, a loucura dos milhões o que atordoara essa extranha figura de literatura complicada, ou mais alguma coisa a dominava?

* * *

E a confissão veio ainda: Sim, era verdade. Entrara na combinação total. Conseguira com essas armas convencionais da distincção que só a mulher maneja, penetrar nas altas regiões diplomaticas e nos gabinetes sordidos da politica, convencer, dominar, enredar, com o brilho dum dito de espirito e a fulguração dum sorriso, deixando atraz de si uma nuvem de perfumes estonteantes e um rastro de seducção.

E para que queria essa mulher, de si rica e independente, a soma louca de trinta mil contos, sob o peso infamante de corretora de titulos falsos, de «candongueira» de diamantes e de peles, de joias e de moedas?

* * *

Era e é complicado o seu exame de consciencia.

A *mulher misteriosa do Angola e Me-*

—quando foi preciso aquele suicidio nas neves de White-Chapel.

tropole, nãco ama, nem talvez nunca amasse. Maas tem odiado muito! O amôr e o ocdio são tão parecidos, e andam quasi ssempre tão juntos, tão sinistramente irrmãos, que é dificil dizer onde os gérmeos se separam!

* * *

Que iam fazer esses trinta mil contos? Matar!! Matar, como só o dinheiro pode matar!!

Essa mulher nunca adorou. Nunca teve o prazeer doce de admirar. Invejou sempre, as melhores e as piores, na cegueira da sua visão doente.

O unico homem que o capricho dos seus sentiddos teria escolhido—foi-lhe roubado. E roubado por quem?

Por aqueela mulher que os seus caprichos havviam erguido tambem, com esse mixto de ternura e de odio, de amôr e de crime, com que envolvemos os rivaais...

* * *

E o dinheiro mata—como salva tambem. Trinta mil contos sendo a nossa fortuna, são a ruina de quem nós quizermos. O dinheiro mata o dinheiro!

Não ha industria ou comercio que resista—ao mesmo comercio e á mesma industria, feita com mais dinheiro, com muito dinheiro, com todo o dinheiro que nós quizermos!

Asfixiado em dinheiro—esse amôr odio seria um amôr assassino.

Esse casal de fantasmas ricos que passava na mente da mulher misteriosa, e contra o qual ela iria esgrimir a fabulosa fortuna—não duraria muito. Um terço dessa quantia os aniquilaria. Dez mil contos os atirariam—como de resto os atiraram já!—para a miseria.

E então, reduzidos á insignificancia banal dum matrimonio burguez, ela, a victoriosa, a seductora, a riquissima, a torpe, a pervertida, poderia, qual outra extranha e unica Salomé, ostentar, sobre o prato magnifico, as ensanguentadas e doloridas cabeças desse duplo locannahan!

O Reporter Misterio

JOKEN GARZ.—Grandes passeios a pé. Levantar muito cedo. Nenhuma bebida excitante como café e licores, chá forte, etc. Alimentação sanguinea e frugivera. Abstenção absoluta durante um mez. Estadia no campo, ou cerca do mar, de preferencia. Escreva daqui a semanas, seguindo estas indicações.

JOHN EDWARD.—Não me lembro de ter recebido a sua carta, mas pode ser que já lhe tivesse respondido. Queira repetir a consulta.

RODRIGUES.—Tudo voltará á normalidade depois do tratamento rigoroso. Não se assuste: Isso, na sua idade não representa coisa alguma. Uma simples constipação o pode motivar.

Trate-se com cuidado. As lavagens devem ser feitas durante uma semana ainda, depois de o medico o considerar curado. Nunca se arrependerá do excessivo cuidado.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

O DETECTIVE 523? vae dizer tudo o que sabe.

VARIA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 53

Por J. Paluzie (1895)

Pretas (9)

(Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 51

1 D 2 T R

Resolveram os srs. Vicente Mendonça, Bettencourt da Camara, Marques de Barros, Zagalo Fernandes, Grupo Albicastrense e Pereira de Figueiredo.

Ha já 26 jogadores incritos para o campeonato de Portugal que está anunciado para começar no dia 20 do corrente no Gremio Literario.

CONCURSO DE PERGUNTAS

RESULTADO DO NUMERO ANTERIOR

1.ª PERGUNTA. — Porque é que um gato, quando entra n'uma casa, olha primeiro para um lado e depois para o outro?

MELHOR RESPOSTA. — Porque não pode olhar para os dois lados ao mesmo tempo.

Jorge Leitão
Manuelito
Spartanus
Neno

2.ª PERGUNTA.—Qual é o cumulo da magreza?

MELHOR RESPOSTA.—Um sugeito ser tão magro que passe atravez os intervalos da chuva.

Apolonio

3.ª PERGUNTA.—Que é o cumulo da força?

MELHOR RESPOSTA.—Dobrar uma esquina.

Jorge Leitão

PREGUNTAS D'ESTE NUMERO

1.ª—QUAL É A TERRA PORTUGUEZA QUE É ESTRANGEIRA?

2.ª—QUAL É O CUMULO DO REGIONALISMO?

O DETECTIVE 523 está senhor de muitos segredos que vae revelar aos leitores de *O Domingo ilustrado*.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

A. D. MEIRA, BISTRONÇO, LHÁLHA, ROBUR E REI-VAX

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 51

QUADRO DE DISTINÇÃO

DECIFRAÇÕES

Com 12—*FILHO D'ALGO, LUSITANICUS, DEMOCRITO, SA-TURNO*
Com 9—*PATO BIGAS LIMITADA*
» 8—*AVIEIRA*
» 6—*D. GALENO*

DECIFRADORES DO N.º 51

DEDICATORIAS:

Decifráram as produções que lhes foram oferecidas:

BISTRONÇO, ROBUR, PATO BIGAS, LIMITADA.

DURAS DE ROER...

A n.º 14—*ZECORA*—de «Rei do Orco», foi a produção menos decifrada.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1-Deia, 2—Pimpador, 3—Cuitado, 4—Contrafeita, 5—Gregotil, 6—Rodamontada, 7—Maridança, 7—Tripetrete, 9—Pucaro, 10—Nono, 11—Abavia, 12—Eurico, 13—Sorte 14—Ledo, 15—Taça.

CHARADAS EM VERSO

[Agradecendo ao incansavel Lhalha *a sua bela charada do n.º 53 que não decifrei]*

(1)
Deusa, eu, de cabelo aurifulgente?
A quanto chega a sua gentileza!
Muito agradeço, creia, tal finesa,
Do meu intimo, bem sinceramente.

Não se adapta, porém, infelismente.
Ao meu caracter cheio de rudeza,
Tanta bondade, tanta del'cadeza,
Que quere atribuir-me injustamente.

. . . .

O meu *destino* triste, maguado,—3
«*Causa*» aborrecimento, causa enfado.—1
E' negro como a noite; pobre vida!

Hei lutado com fé e com ardor
P'ra alcançar a f'licidade, o amôr,
Mas vacilei, e fui alfim *vencida!*

ZELIA BORGES

[A uns olhos que fantasiei assim]

(2)
Olhos *que* falam, os teus—1
e nunca os ouvi falar.
Mas quando falam aos meus,
eu fico triste a olhar.

Fixam o céu p'ra pedir;
pousam no chão p'ra pensar;
olham de frente p'ra rir,
só se tápam p'ra chorar!

E quando os acho mais belos,
duma expressão doce e calma,
é quando os vejo em desvelos
com os olhos da minh'alma.

Mas no teu rosto *moreno*—2
ad'vinho eu tal maldade,
que até me sinto pequeno
não mer'cendo a *virgindade!*

LHALHA

(Ao meu querido morto)

(3)
A morte, a sorrir
consegue levar
quem nasce p'ra vir
o mundo habitar!

A vida a vôar...
E o tempo a fugir!...
—Dá-me que pensár,
Depois... faz-me rir!

Não acho razão—1
nem *motivo* são—1
para ter nascido!

Bem justo éra um córte
no poder da morte
que *é indefenido*.

LHALHA

(4)
Caro colega «Rei-Fera»:
Para aprendiz de moleiro
Licença lhe vem pedir
Este aspirante tripeiro

CHARADAS EM VERSO

Por *Deus* empregue o rapaz—1
E não *zangue* do pedido,—2
Ponho em cima do papel
A palavra: deferido.

Pois *mandrião* não será.
Tudo fará com afan.
Esp'rando ser atendido
S'ta.

ARSENIO LUPIN

Matozinhos (Da T. E.)

(5)
Porque *motivo* será—1
Que um *pobre* charadista,—1
«*Nota*» o frio que faz—1
E a *vestimenta* não vista?

D. GALENO

CHARADAS EM FRASE

(6) O meu *pai*, mal rompe o *sol*, vem visitarme ao *mosteiro*.—2—2

(7) A quem habita num *covil* como qualquer *ave* de rapina, não é justo que se dê um *aperto de mão*.—2—2

FILHO D'ALGO

(8) Olha o *aspecto* da *Budha!* Parece um *cambista!* 2—1.

D. GALENO

(9) *Para* que fugiu a «*mulher*» para a *cidade do Peru?*—1—2

Porto REI DO ORCO (G. L. E.

(A Rei-Vax)

(10) Como o *dia* já ia *alto*, não distingui a *maniata* para prender o seu cavalo.—1—1

AVIEIRA

(11) Não brinques com a *adaga:*—Como és mais *alto* podes fender-me o *penacho*—1—1

REI-VAX

(12) Posso afirmar-lhe *antecipadamente*, que numa *povoação da Africa ocidental portugueza* se emprega *para* comer uma *especie de feijão do Brazil*.—1—3—1

Coimbra HICCO-ZONHI

ENIGMAS

(13)
São seis letrinhas
Bem desiguais;
Todas juntinhas,
Duas vogaes.

Prima e segunda,
Preposição.
Que barafunda
Que relação.

As tres finaes
Terminação;
Terceira achais
Na relação.

Em França, ascendia a rei
Homem é em Portugal,
Peça de jogo notei,
E' const'lação boreal.

AVIEIRA

(14)
Sete letras escolhidas,
Sendo tres as consoantes,
Vogais as quatro restantes,
Duas d'elas repetidas.

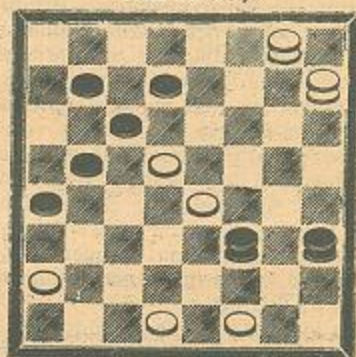
Quarta, segunda juntinhas,
Com a setima a findar,
Hora da missa hão-de dar,
Em todas as egrejinhas.

DAMAS

Solução do problema n.º 52

	Brancas	Pretas
1	4-8	31-4 (D)
2	2-7	18-11-2 (D)
3	27-31 (D)	4-25
4	1 6	2-9-27
5	31-20-7-14-21-30	32-27
6	30-19	29-25
7	19-15	25-21
8	15-18	27-24
9	18-15	24-20
10	15-11	21-17
11	11-7	17-13
12	7-2	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 55

Pretas 2 D. e 5 p.

Brancas 2 D. e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 51 os Srs. Augusto Teixeira Marques, Bento Faria, Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão, José Magno (Algés), Estesvana (Oeiras), Talu (Teatro Avenida), Vicente Mendonça, Um Chiquinho (Bragança) e Um oficial (Foz do Douro).

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já bem conhecido amador das Damas, o sr. Artur Santos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Um eco sem consequencias...

O nosso bom colega «O Sport de Lisboa», cuja camaradagem é notoria, pretende ingenuamente indispôr-nos com o publico desportivo, dizendo que publicamos uma noticia com os dados estatisticos de incidentes de foot-ball na America. Como nós não escrevemos para os bons colegas, mas para o numerosissimo publico que nos lê, não nos preocupamos com explicações particulares que a este não interessam. A noticia é verdadeirissima. Defender o Sport, não é mentir aos sportistas, e nós, que sendo um jornal generico, generosamente o tratamos desde o primeiro numero, temos autoridade para lhes dizer certas verdades. Mas fique o «Sport de Lisboa» com os seus leitores —que nós jamais escreveremos uma linha para lhos tirarmos... E, «sans rancune».

ENIGMAS

Terceira, sexta mais quinta,
Em linda combinação,
Dão-nos pequena porção,
E não pensem que lhes minta.

As quatro letras primeiras,
Com a setima num feixe,
Fazem cardume de peixe,
Sem haver grandes canceiras.

Com esta combinação
De vogais e consoantes,
Virá de terras distantes
Uma grata informação.

Porto ERRECE

CORREIO DO MOINHO DE PACIENCIA

CUPIDO.—Tinha muito gosto em satisfazer o seu pedido, mas em virtude de ser *insignificativa* a frase aproveitada para o segundo conceito parcial da sua charada, não lhe posso dar publicidade.

ARSENIO LUPIN.—Como vê não podia haver mais rapido deferimento!... Póde continuar...

D. GALENO.—Os meus agradecimentos sinceros. O dicionario que lhe convem é o de Candido de Figueiredo 3.ª ed. Querendo, pode enviar a morada para lhe escrever sobre o assunto.

REI-FERA

VARIA

De tudo um pouco...

Os braços e as pernas

Crê-se geralmente que a perna direita é a mais importante, assim como o braço direito o mais agil e vigoroso.

Ahi está o equivoco. A natureza gosta dos contrastes, e assim como o rheumatico sente alternativamente dôres no braço direito e na perna esquerda ou vice-versa, o que é certo é que a destreza e força do braço direito correspondem ás da perna esquerda.

Para fazer qualquer esforço com a mão direita apoia-se a gente na perna esquerda. A tropa começa sempre a andar com o pé esquerdo.

E os cavaleiros servem-se da perna esquerda para montar a cavalo.

Além de ser mais forte é mais comprida que a direita a perna esquerda. Assim se explica a tendencia das multidões e dos individuos a inclinar-se para a direita; uma pessoa com os olhos tapados anda para a direita quando julga andar em linha recta.

Este exame das qualidades das pernas não deve terminar sem uma observação curiosa e caracteristica: as mulheres tem ambas as pernas d'igual comprimento.

Os corvos de S. Vicente

Em 1173, foi colocado, na Sé de Lisboa, o corpo de S. Vicente Martir, em cuja capela se dizia todos os dias missa de cantochão, acompanhada pelos meninos do côro, e se tocava ao mesmo tempo uma roda de campainhas, que estava no claustro.

S. Vicente foi martirisado, ao que se diz, no tempo de Diocleciano, e ácerca do seu martirio consérva-se a seguinte lenda: Foi o corpo do santo deitado ao de um monte, proximo da estrada. N'isto, vieram lobos e outros animaes para devora-lo; mas um corvo feria-os, por tal modo, com o bico, que eles se viam obrigados a largar a prêsa.

D'ahi provêm conservarem-se, sempre, no mesmo edificio da catedral, dois corvos, que a egreja sustenta, em memoria daquela lenda, de bem remoto passado.

Distração autentica

Um oficial do exercito portuguez, era tão extraordinariamente distraido, que numa ocasião em que ia a cavalo, para casa de um amigo, que o convidára a jantar, numa casa de campo distante alguns quilometros da sua, parou para acender um cigarro. E como estivesse muito vento, soprando na direção que seguia, voltou a sua montada em sentido contrario, para se defender dele. Aceso o cigarro, tomou rêdeas novamente, e poz-se a caminho, mas na nova direcção para onde se tinha voltado, só dando pelo engano, quando se encontrou á porta de sua casa outra vez.

IMPORTANTE.—N'esta secção podem colaborar todos os nossos leitores. Basta para isso enviarem os casos, anedoctas, ditos, curiosidades de que tiverem noticia, para a Secção de DE TUDO UM POUCO, Redacção de O DOMINGO ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18 - Lisboa.

As bôas ideias do O DOMINGO

O «APANHA-COELHOS»

Encomenda-se a um pintor de nome, uma scena de dois metros de altura e cem de largura, representando uma paisagem. Em baixo abre-se-lhe um buraco que dê a impressão de uma tóca e prende-se á cintura do caçador um saco de apanhar borboletas. O caçador coloca-se na posição que a gravura indica, e ao longe, um outro caçador, dispara tiros.— Os coelhos assustados fogem dos tiros e procuram a toca. Com um pouco de persistencia, em meia hora d'esta caçada fica o saco chei até á boca...

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MARILIA ANTUNES.—Gostos e tratos originais, imaginação, amor ás artes, dignidade e orgulho, inteligencia clara e asimilavel, bom gosto, geito para desenho?, sentimento de poesia, boa memoria, amor ás flores.

UM QUE ADORA A POESIA.—Habilidade manual, ordem, metodo, desconfiança, amor á dança boa, memoria, temperamento apaixonado, asseio, vida simples, gosto de versos agora a poesia... não vejo em V. Ex.a nem temperamento nem alma para comprehender a «poesia».

UM SEPTICO.—Nervos indomaveis, inteligencia clara e grande imaginação, generosidades intermitentes, pouco amor ao trabalho, bom gosto, caracter facilmente irascivel e verdadeiras crises quando é contrariado, um pouco egoista, culto e afavel no trato.

ROSY.—A sua letra é verdadeiramente pessoal e revela um bom gosto e amor á estetica e a arte nada vulgar, espirito culto e analitico, bom coração e como maior defeito só vejo uma grande irritabilidade e mania dominadora, muita sensualidade e muita memoria.

UM DESCONFIADO.—Muita imaginação, muito generosidade que se prodigalisa, energia, caracter aberto, sensitivo e apaixonado, amor á estetica exagerado, ordem, (no economico) asseio, orgulho e dignidade, habilidade manual, nervos fortes e bem dominados, um tanto romantico, idialista e bastante amor á poesia, sensualidade forte.

HERRZHER.—Bom gosto e espirito; cultura e amor á musica, simples na vida sem orgulho nem vaidade, faz bem sempre que pode, e quasi sem ser notado, nervoso, de alma susceptivel, trabalhador, em suma muito boa pessoa.

MIUDA.—Vulgaridade, ideias que não são proprias, espirito confiante e religioso, interesseira boa memoria; generosidade muito bem entendida!, ordem, asseio, orgulho de si proria equilibrio moral, bom gosto.

ZECA.—Caracter impulsivo e dedicado, ligeiramente optimista, boa memoria, lealdade e discreção, sentimento de poesia, nobreza de caracter e de sentimentos, simples e de trato áfavel.

A. P. O.—Espirito simples, trabalhadora e ambiciosa, bom senso, um tanto economica sem exagero mas gosta de gastar menos do que tem com o fim de «por de parte alguma coisa» optimista, confiada e um tanto religiosa, simples, dedicada, memoria para certas coisas.

P. GOMES.—Inteligente e estudioso, memoria prodigiosa, amigo de guardar certas... coisas... a tudo e para tudo, optimista, afavel e comunicativo, leal com amigos, pouca vaidade mas no fundo bastante orgulho, curioso, habilidade manual, um pouco adulador (não o digo pelos elogios que faz de mim e da grafologia mas eu estou mais convencida que o sr. ser desta sciencia seria) na ideia de ser agradavel ás pessoas (não se engana! economico quando deve, caridoso quando pode, amante das leituras.

RAFLES.—Espirito analitico, independencia nas ideias, simples e de bom gosto odeia o preciosismo em tudo, inteligencia assimilavel, economico sem exagero, lealdade, ordem para tudo, um tanto idealista, pouco ou nada vaidoso.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

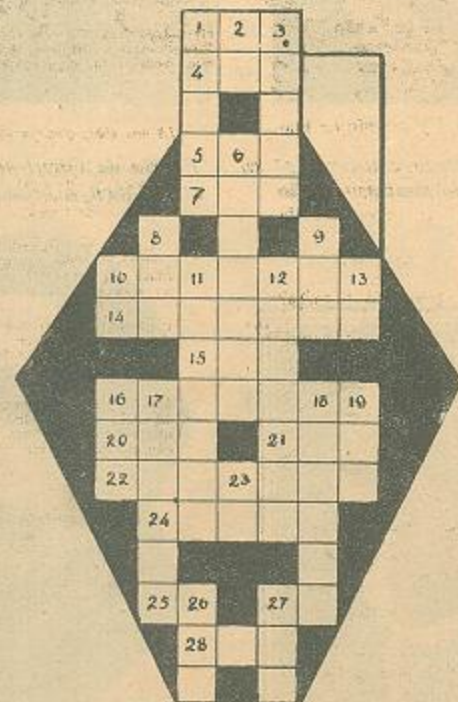
QUADRO DE DECIFRADORES

MANUEL JOAQUIM DUARTE, (Auledo), VARANDAS, TRISTE VIUVINHA, AIDINHA, LUIZA DURÃO, K. S. T.—MISTERWU, SATIN BRAVO DA COSTA.

Campeões decifradores do n.º 52

Horizontais: —1—Cabelo branco 4—Creada grave 5—Manto real 7—Escarnecer 10—Vegetal 14—Dança 15—Oceano 16—Jubilado 20—Trez letras de LINCE 21—Tres letras de ARCOS 22—Fortaleza do recem-nascido 24—Senhoras 25—Isolado 27—Igreja 28—Sol.

Verticais:—1-Calmaria 2—Lamento 3 — Mover-se sobre a agua 6—A voz das avesinhas 7—Troço da antiga cavalaria 9—Tres consoantes 10—Pai 11 — Vegetal 12—Lança usada pelos macedonios 13—Combinação duma preposição com um artigo 16—Procurem pessoal (masc.) 17—Diminutos 18—Pensativo 19—Terra argilosa 23—Preposição 26—Poesia 27—Sadio.

Salução do numero passado. Verticais: 1—Viola 2—Curva 3—Eça 4—Aar 5—Rã 6—Pé 7—Ar 8 Lá 9—Armario 10—Ouro 11—Sião 12—Có 13—Fá 14—Bahú 15—Data 16—Arvorar 17—Rã 18—Ai 19—As 20—Si 21—Res 22—Lua 23--Aroma 24-Aviar.

Horizontais:—1—Verão 2--Coar 6—Procurar 9 — Ar 14—Barba 20—Sua 22—Li 25—Iça 26—O. A. 27—Adem 28—Rã 29 - Val 30—Arado 31—As 32—Lo 33—Aliar 34—Vira 35—Rasa 36—Aer 37—Só.

Nota:—O presente problema é da autoria da Ex.ma Sr.a D. Ida Pereira e Silva e foi o que obteve o 2.º premio no nosso concurso de 'Palavras Cruzadas'.

Raimundo Granés—Silves.—Ao inteiro dispôr de V. Ex.a. Faremos publicar todos os problemas que V. Ex.a se dignar enviar-nos desde que estejam dentro das condições.

NA NOITE DE AUGUSTO ROSA

Lucilia Simões, um grande nome no teatro nacional.

Amelia Rey Colaço, enorme vibração de arte.

Adelina Abranches, uma das grandes glorias da sena portuguesa.

Alexandre de Azevedo, um grande discipulo do mestre.

Emilia de Oliveira, temperamento expontaneo e belas interpretações.

Ester Leão, formoso temperamento de artista.

Alves da Cunha, expontanea expressão de grande comediante

Carlos d'Oliveira, um belissimo exemplo de artista.

Valerio de Rajanto, um valor consolidado.

Matos Reis, um nome que se firma dia a dia.

Ribeiro Lopes, um grande valor da geração moderna.

OS GRANDES NOMES QUE TOMAM PARTE NA NOSSA FESTA

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

Dr. Octaviano de Sá

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

UM CASAL EXTRANHO!

A leôa do Coliseu beijando o celebre domador Ivanoff, com a sua volupia selvagem, e cuja scena de amôr é o assombro de Lisboa